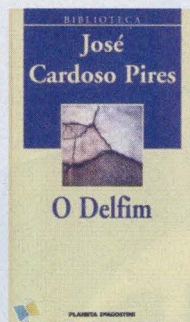
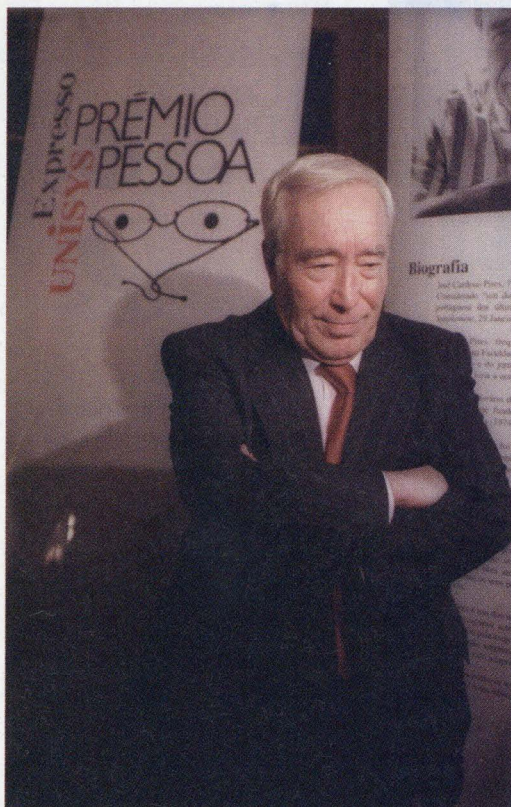


Um ano rico em efemérides

Em 2008 assinalam-se 50 anos de *O Anjo Acorado* e 40 de *O Delfim*



ou três nomes fundamentais da história da literatura portuguesa do século XX.

José Cardoso Pires não foi um escritor prolífico. Em quase meio século de actividade literária, publicou cinco romances, cinco livros de contos (incluindo os dois primeiros, depois refundidos em *Jogos de Azar*), duas peças de teatro, dois livros de ensaios, uma fábula (*Dinossauro Excelentíssimo*), uma compilação de crónicas e dois livros inclassificáveis: *De Profundis*, *Valsa Lenta* (memória descritiva da 'morte branca' que atravessou depois de um acidente vascular cerebral, em Janeiro de 1995) e *Lisboa – Livro de Bordo* (uma viagem e, simultaneamente, uma declaração de amor à cidade que tão bem descreveu e que tanto lhe deve). Não é muito? É o suficiente para lhe guardar o lugar de destaque como um dos dois

Se o décimo aniversário da sua morte (ocorrida a 26 de Outubro de 1998) não é uma efeméride feliz, os admiradores de José Cardoso Pires têm nesse capítulo muito por onde escolher e festejar: em 2008 também se assinalam os 50 anos da publicação de *O Anjo Acorado*, o primeiro romance do autor, os 40 anos de *O Delfim* e os 20 de *A República dos Corvos*. Em 1958, ano-chave da ditadura salazarista (candidatura de Humberto Delgado às eleições presidenciais), um romance que punha a nu o real conservadorismo de uma certa burguesia cultivada, de esquerda, deu algum escândalo. Cardoso Pires, que já se afastara do neo-realismo ortodoxo e cujo círculo de amigos o tornavam

próximo do primeiro movimento surrealista (Alexandre O'Neil, Mário Cesariny), reafirmava em *O Anjo Acorado* uma independência intelectual que faria dele um marginal das várias correntes em luta pela hegemonia cultural, sem que essa independência pusesse em dúvida a sua atitude face à ditadura.

Dez anos depois, nova data-chave: em 1968 (ano de Maio em Paris e de Primavera em Praga), Salazar cai de uma cadeira no Estoril e Marcelo Caetano entra em S. Bento. Três livros fundamentais da moderna literatura portuguesa aparecem

nessa temporada 1968/69: *A Noite e o Riso*, de Nuno Bragança, *Maina Mendes*, de Maria Velho da Costa e *O Delfim*, a obra-prima de Cardoso Pires. Neste, o autor capta, com a minúcia e o olho apurado do caçador-narrador, um mundo em desagregação, o do Portugal atrasado, rural, salazarista, que está a morrer sem saber. Como escreveu Eduardo Prado Coelho, "o universo do autor, no seu jeito assumido de tapeçaria medieval, é um universo que definitivamente é e interminavelmente está a deixar de ser". AM

Os Dispersos interrompidos



Em 2005, a Dom Quixote (última editora de Cardoso Pires) publicou o primeiro volume de *Dispersos*, reunindo textos sobre literatura publicados pelo autor em várias épocas: desde 1943 (sobre Pierre Loti, uma das suas confessadas influências iniciais) até 1997 (sobre William Faulkner). O editor era Nelson de Matos, o organizador Vasco Rosa. Anuncia-

vam-se então 800 páginas de *Dispersos*, devendo seguir-se a esse primeiro mais cinco volumes "com textos sobre Artes Plásticas, Cinema, Desporto, Ditadura e Liberdade, Lisboa, além de Contos, Crónicas, Diversões e Reportagens".

Três anos depois, a Dom Quixote mudou duas vezes de dono, reformulou-se, anunciou planos e colecções. De Cardoso Pires... nada. Um porta-voz da editora disse ao *IN* que, "após a publicação do primeiro volume, e de acordo com a família do escritor, foi decidido parar a publicação dos *Dispersos*". Razões? Não comunicadas. O mesmo porta-voz disse que a Dom Quixote (agora pertencente ao grupo Leya, de Paes do Amaral) irá anunciar, durante o mês de Outubro, um conjunto de iniciativas "para dar novamente maior visibilidade e um lugar de destaque a um autor intemporal". Essas iniciativas, programadas para Janeiro de 2009, destinam-se a "apresentar a obra numa roupagem diferente". Quer dizer: uma editora que não considera importante reunir a obra dispersa de Cardoso Pires e interrompe sem explicações a sua publicação, quebrando a palavra dada aos leitores, dedica-se a "novas roupagens". A nova Dom Quixote dedica-se à literatura ou à cosmética? AM